

ALDEIA DA LUZ

Clara Saraiva

A barragem do Alqueva deverá ser a maior da Europa, atingindo os 96 metros de altura e 458 m de largura no topo, prevendo-se que a albufeira tenha um total de 250 km² de superfície. Dos vários argumentos enumerados ao longo de décadas como justificação para este avultado empreendimento subsistem os da luta contra a desertificação do Alentejo, do desenvolvimento agrícola, industrial e turístico da zona, e da produção de energia eléctrica necessária ao país. A aldeia da Luz, no concelho de Mourão, será inteiramente inundada pelas águas do Guadiana. A ideia da barragem esteve nas mentes dos seus habitantes como um mito de que se falava desde há muito e que, por isso mesmo, se tinha, com o tempo, tornado pouco credível. Mas finalmente as obras avançaram e a Nova Aldeia da Luz começou a tomar forma. E as angústias dos seus habitantes irromperam. Para além da transformação irreversível da paisagem, da perda de terrenos e campos de cultivo, é a identidade local que está em jogo. As pessoas têm de gerir quotidianos e espaços em vias de desaparecer dentro de um curto espaço de tempo. As reivindicações que agora fazem, relativas a problemas como os levantados pela construção das suas novas casas, na Nova Aldeia da Luz, ultrapassam as questões técnicas e de conforto físico. São preocupações que espelham o desconforto moral de uma deslocação imposta, de um abandono forçado de territórios e vivências.

Os excertos que se seguem, retirados de conversas com pessoas da Luz, pretendem remeter para as memórias, individuais e colectivas, que constituem a identidade local de uma comunidade: as memórias dos sítios, da vida do dia-a-dia, do trabalho, do lazer. Dias passados a ceifar, a pastorear gados, a trabalhar nos telheiros, no fabrico de tijolo, a pescar no rio, a moer farinha nos moinhos; a ida semanal ao barbeiro; as mulheres a irem buscar água às fontes e poços, a lavar a roupa no lavadouro público; namoros furtivos e bailes na Sociedade Recreativa; a festa, no fim do Verão, da Senhora da Luz; baptizados, casamentos, funerais — o ciclo da vida que se inicia e termina. A consciência de comunidade que se recria com uma intensidade marcada: a preocupação em baptizar-se a criança na igreja matriz, antes que ela desapareça sob as águas ("Vai ser baptizado agora para ser na igreja antiga!"); o Madeiro de Natal que já não se fazia há décadas e que regressou ao largo 25 de Abril há uns anos atrás e é agora (Natal de 2001) de novo palco de sociabilidades e de encontros, sobretudo masculinos.

O TRABALHO: TERRA E ANIMAIS

"A vida, antigamente, era muito dura, fosse na lavoura, fosse como pastor. Fazia-se tudo a pé. Corriam-se aí os montes todos em redor. Os períodos da sementeira e da ceifa eram de trabalho mais duro. Cheguei a trabalhar na sementeira até às onze horas da noite, com mais de vinte juntas de gado. Às três da manhã tínhamos de lá estar para limpar os animais, tratar do almoço, e às 5 horas começar, assim que houvesse luz. Na refeição, havia cestos para as azeitonas que tinham um bocal como uma garrafa, para evitar que saíssem muitas azeitonas e os trabalhadores comessem demais. À noite alumíávamo-nos à luz da candeia de azeite. Trabalhava-se muito. Agora, quando conto ao meu neto o que eu fazia com 21 anos, ele não me acredita! "

"Nesses tempos havia muita gente e pouco trabalho. Íamos para o Monte da Charneca, a 3 km daqui, e ficávamos lá a dormir, na *casa da malta*, para se pegar ao trabalho de madrugada. Na casa da malta ficava-se a semana inteira. Ia-se à segunda com pão no

alforge, um pouco de toucinho..."

"Faço 90 anos em Dezembro (2001). Eu fazia trabalho de costura, mas gostava era de ir para o campo. Era mais duro, mas mais sadio. Quando podia, ia para o campo. Quando comecei andava de sol a sol, por 5 tostões; sem comer eram mais dois mil réis. Na *aceifa* era a seco..."

"A agricultura com tractor começou aqui na aldeia por volta de 1952. Ainda me lembro da primeira vez que trabalhei com um tractor. Nas debulhas, a máquina ficava na eira 15 ou 20 dias, e era preciso muita gente para trabalhar."

"Quando os homens andavam a trabalhar lá longe, no campo, a água era levada num cantil de barro".

"A apanha da azeitona é um trabalho demorado, mas hoje em dia levam tanto dinheiro para a *ripar*, que é melhor fazermos nós próprios, ou não vale a pena!"

"Os lavradores que tinham muito gado usavam-no para a debulha; davam cinco ou seis voltas com o gado sem as ferraduras para a palha ficar bem moída".

"O meu marido era porqueiro. *A gente* vivia na *malhada*. Levava-se tudo para lá, porque lá não havia nada".

"No final da tosquia fazia-se uma festa. E nos outros dias, depois de todos os tosquiadores acabarem os seus trabalhos, rezava-se em conjunto."

FESTAS, BAILES E NAMOROS

"Antigamente, quando eu era novo (já tenho 75!), a tourada desta festa (Festa da Sra. da Luz, em Setembro) tinha só um touro. Não havia dinheiro para mandar vir mais! O boi era repartido e comido na segunda-feira, na rua. As mesas eram feitas com os taipais dos carros. De casa, só se levava o prato e o garfo... era uma festa! Apesar de só bebermos pirolitos. Já havia cerveja, mas era muito cara! O leilão era feito no fim, com as ofertas que as pessoas davam (havia sempre muito melão!); era divertido ver os rapazes solteiros que tentavam "comprar" as ofertas dadas pelas raparigas em que estavam interessados".

"No dia 1 de Maio punha-se o Maio à porta. No dia 3, dia da Santa Cruz, toda a gente ia para os campos apanhar flores: quinta-feira da Ascensão toda a planta tem virtude (...) No Natal, no tempo dos meus pais, fazia-se o madeiro do Natal, no largo da aldeia."

"Eu sabia quando o meu marido estava zangado. Mas daí a bocado a zanga já tinha passado. Dizem que duas pedras duras não fazem farinha, mas nós fazíamos!..."

"Quando eu era novo, há 50 anos, havia bailes todos os 15 dias, eram as oportunidades para os rapazes e raparigas se encontrarem.."

"Só se namorava às quartas-feiras à noite e ao fim de semana. E, se se viam os homens passarem ao fundo, as nossas mães mandavam-nos logo para casa, dizendo: "Não te estejas a assomar como bandarilhas!" Agora, as raparigas andam nos cafés, atrás dos homens; eles ficam logo fartos delas!"

QUOTIDIANOS E VIVÊNCIAS

"Para a matança, os vizinhos e família vêm sempre ajudar, e dá-se um pouco de carne a cada um. Agora, na aldeia nova, não sei como vai ser, já não vamos poder matar, porque não temos chaminé que dê!"

"A melhor recordação que guardo é a da vida de moleiro, de viver junto ao rio... É claro que era difícil. Na ribeira de Alcarrache, muitas vezes vinham chuvadas tão grandes que tínhamos de tirar os sacos de cereal do chão e levá-los para um sítio mais alto, e esperar num cabeço que as águas baixassem. Uma vez perdemos vários sacos. Mas, mesmo assim, ainda hoje, quando chego ao rio, a minha alma parece outra!... (...) Aqui é que foi a minha criação e a dos meus irmãos!"

"Aprendi a arte de barbeiro com 13 anos. Foi o meu pai o mestre, meu e do meu mano mais velho. Havia pessoas que pagavam por ano uma quantia em trigo, sobretudo os seareiros. Barbeavam-se uma vez por semana. A maior parte das pessoas trabalhava nas herdades todos os dias e só vinham no fim de semana, que era quando se vinham barbear."

"Quando tinha 12 anos resolvi ir à pesca. O meu pai disse para não ir, que a ribeira ia muito cheia. Mas eu fui e apanhei um peixe de 15 kg que o meu pai me mandou entregar à senhora da Amareleja que era dona do moinho onde o meu pai era moleiro. "

"Venho aqui buscar água a este poço, que nós chamamos Poço Velho, e que fica aqui ao pé do Poço dos Hilários. Além deste há a Fonte Santa, no caminho para a igreja. E a Fonte do Coração, do lado do campo de futebol, também dá água muito boa. Nós, as mulheres, encontramos-nos muito aqui nos poços, e no lavadouro, quando se vai lavar a roupa."

"Vinha muita gente a este telheiro das Tubras, talvez mais do que ao outro, o do Monte dos Cabeços. O mestre deste telheiro era o Mestre João Capelas. A terra tirava-se desta cova aqui em frente." (...) "A terra aqui no Telheiro das Tubras era muito bronca e com o calor o baluarte abria. Por isso, para cada fornada íamos buscar uma ou duas carradas de terra da Aldeia de Mato. Amassava-se o barro atascados até aos joelhos. Depois era tudo passado à mão, *passado ao calo da mão* (como se dizia), para tirar todas as pedrinhas. Não podia ir pedra nenhuma, mesmo pequena. Uma fornada levava cerca de 3000 baluartes e 4000 telhas. Para cozer usavam-se feixinhas de piorno e lenha. O forno cozia 24 horas. Quando os tijolos

estavam em brasa estavam cozidos. Aqui ao lado era a casa do *forno*, onde os homens comiam e dormiam a sesta."

"Para se fazer uma casa como esta eram precisos quatro ou cinco dias. Mas a taipa só se fazia no Verão. Há mais de quarenta anos que deixei a arte da taipa."

"Tenho ali em casa uma série de fotografias do almoço dos rapazes das sortes, do ano do meu marido: todos os anos se reúnem em Junho e almoçam juntos, para festejar a data."

"Muitas famílias não tinham dinheiro para comprar o pão aos filhos e passavam aqui em frente a casa a chorar, por a padeira não lhes ter dado fiado."

"Vimos aqui ao cemitério, cair a sepultura. É a maneira de eles saberem que nós nos lembramos deles."

*

"Aqui na horta temos tudo o que precisamos: laranjas, coentros, rabanetes, nabijas, alface, agrião, romeiras, dióspiros, macieira, hortelã, oliveiras, vagem, tomate, pimentos, beringelas, salsa, cebola, couves, feijão, melão, espinafres, favas, nêspersas... e as palmeiras e as duas roseiras, que a dona da horta disse sempre que são uma recordação de família e que não as quer nunca tiradas... mas agora, quando vier a barragem, é tudo destruído!"

"Ontem, na procissão, de repente senti-me muito triste por saber que nunca mais vou ver estes campos, os sítios onde andava de bicicleta quando era nova..."

in Aldeia da Luz, catálogo da exposição, Lisboa, 2002, pp. 13-20

LUZ VILLAGE

Clara Saraiva

The Alqueva dam will be Europe's largest, 96 metres high and 458 metres wide at its top; its reservoir will have a surface of 250 square kilometers. Over the decades, several arguments have been used to justify this gigantic undertaking: the fight against Alentejo's desertification, the agricultural, industrial and touristic development of the region, and the production of electricity for the country have remained until now.

Luz village, in Mourão, will be entirely flooded by the Guadiana's waters. The dam had been in the minds of its inhabitants as a myth, something that had been talked about for so long it had become, over time, not very credible. But finally the works began: the New Luz Village started to take form. And the anxieties of its inhabitants broke out. Besides the irreversible change in landscape, with loss of wild and cultivated lands, local identity finds itself threatened. People's daily lives and spaces will disappear in a short time. Their current demands, concerning issues raised by the construction of their new houses in the New Luz Village, go beyond mere technique and physical comfort. Such concerns mirror the moral discomfort brought about by an imposed dislocation, an enforced abandonment of lands and life-experiences.

The following excerpts, taken from conversations with Luz people, aim at evoking the individual and collective memories that make up a community's local identity: memories of places, of everyday life, of work, of leisure. Days spent reaping, shepherding, tile and brick-making, fishing in the river, grinding flour in the mills; the weekly visit to the barber; women carrying water from fountains and wells, toiling at the public washing place; furtive flirtations and dances at the Sports Association; the late summer festivities of Our Lady of Luz; christenings, marriages, funerals – the cycle of life, ever beginning, ever ending. Community awareness returns with a vengeance: a baby must be christened at the parish church, before it vanishes beneath the waters ("We'll christen him now so it will be at the old church!"); the Christmas Bonfire, abandoned for decades, returned a few years ago to the 25 de Abril Square and is now (Christmas 2001) again a spot for socialising, mostly among the male population.

WORKING: LAND AND BEASTS

"Life, in the old days, was pretty tough, either as a farmer or as a shepherd. We did everything on foot. We would go all over these hills. The times of sowing and reaping were the hardest. I would sometimes sow until as late as 11 p.m., using over twenty yokes of oxen. At 3 a.m. we had to be back in the field, to groom the beasts, prepare lunch, and begin work at 5 a.m., when it was light. At meal-time, there were olive baskets with a very small opening, like a bottle, to keep the workers from eating too many of them. At night we would work by the light of oil lamps. We worked a lot. Now, when I tell my grandson what I used to do when I was 21, he does not believe me!"

"In those times there was a lot of people and little work to be done. We would go to Monte da Charrêca, three kilometres from here, and slept there, at casa da malta (a shelter for farm workers), so that we would start working at dawn. We stayed at casa da malta for the whole week. We went there on Monday, carrying bread and a little fat bacon on our bag..."

“I’ll be 90 in November (2001). I was a seamstress, but preferred working as a reaper. It was tougher, but healthier. Whenever I could, I did it. In the beginning I worked from dawn to dusk, for five tostões; if I didn’t eat the food they provided, I got two more. I spent some lean times as a reaper...”

“Tractor-farming came to our village around 1952. I still remember the first time I worked with a tractor. During threshing, the machine would stay on the threshing floor for 15 to 20 days, and lots of people were brought in for the work.”

“When the men had to work far in the field, they carried water in a clay container.”

“Picking olives is a time-consuming job, but nowadays people ask so much money to pick them, that it’s better we do it ourselves, or else it’s not worth bothering about!”

“Farmers with a lot of cattle would use it during threshing: they would take five or six turns with unshod hooves over the straw, grinding it well.”

“My husband was a swineherd. We lived in the malhada (shepherd’s hut). We had to bring everything with us, because there was nothing there.”

“At the end of shearing-time we would commemorate. Over the next days, when all the sheares had done, there would be joint prayers.”

FESTIVITIES, DANCES AND COURTSHIPS

“In the old days, when I was young (I am 75 now!), the bullfight of this festivity (Our Lady of Luz, in September) had only one bull. We couldn’t afford to bring in more! An oxen would be shared by all at a meal on the street, on Monday. The tables were made with the side panels of our carts. All we had to bring from home were plates and forks... We had great fun! Even though we only had soda pop to drink. Of course, there was beer, but it was too expensive! In the end, there was an auction of whatever people would bring (always lots of melons!); it was very fun to see the single young men bidding for the merchandises brought by girls they had their sights on.”

“On May 1st we would bring out the May dummy. On the 3rd, the day of the Holy Rood, everyone went out into the fields to pick flowers; on Ascension Thursday, all plants have virtues (...) At Christmas, in my parents’ time, there was the Christmas Bonfire, at the village square.”

“I knew when my husband was angry. But in a while it would all blow over. They say two stubborn people don’t get along, but we did!...”

“When I was young, 50 years ago, there was a dance every fortnight, a time for the boys and girls to meet...”

“The only time for courting was on Wednesday night and weekends. If they caught sight of the men passing by, our mothers would send us home at once, saying: ‘Will you stop sending out signals!’ Nowadays, the girls follow the men into the cafés, and they soon tire of them!”

DAILY LIFE

“Whenever we slay and prepare a beast, our neighbours and relatives always come to help, and everyone gets a bit of meat. I don’t think this will go on at the new village, because no chimney there has the right size!”

“My best memory is connected to my life as a miller, when I lived by the river... Of course it was hard. By Alcarrache stream, we would sometimes get such a hard rain that we had to take the sacks of grain from the floor, carry them to the top of a hill and wait there for the waters to lower. We lost several sacks once. However, even today, when I come to the river, my heart lifts up!... (...) It was here that I was raised, together with my brothers!”

“I learned to be a barber when I was 13. My father taught me, as well as my older brother. Some people would pay us each year in wheat, especially tillers. People would come once a week for a shave. Most men worked every day at the estates and only returned during the weekend, when they got their shave.”

“When I was 12 I decided I’d go fishing. My father told me not to go, because the stream was too flooded. But I went anyway and caught a 33-pound fish my father told me to bring to the lady in Amareleja who owned the mill where my father worked.”

“I take my water from this well, called Poço Velho [Old Well], close to Poço dos Hilários [Hilários’ Well]. Besides these there is also Fonte Santa [Holy Spring], on the way to the Church. And Fonte do Coração [Heart Spring], by the football field, also gives fine water. We, the women, often meet at the wells, and at the public washing place, when there’s washing to do.”

“Many people came to work at the Tubras tile-workshop, perhaps more than to the other, in Monte dos Cabeços. The master tile-maker was Master João Capelas. The earth was taken from this excavation in front of us.” (...) “The earth of Tubras was too rough and with the heat the props would crack. So, in each ovenful we had to use one or two cart-loads of earth from Mato Village. We would be up to our knees in the clay, getting it ready. Then we had to scour it thoroughly with our hands, to get rid of every little stone. No stone, small though it was, could get into the clay. An ovenful would consist of about 3000 props e 4000 tiles. For the fire, we used small faggots of broom and timber. The oven would bake for 24 hours. When its bricks were red-hot the tiles were baked. Beside it stands the casa do forno (oven house), where the men would eat and take a nap.”

“It took four or five days to make a house like that. But these lath-and-plaster walls could only be done in Summer. I have left that craft over forty years ago.”

“In the house I have a series of photographs from lunches my husband has with the other boys from here who went to the army the same year as him: every June they get together and have lunch to celebrate.”

“Many families had no money to buy bread for their children and walked by our house crying, because the baker had refused them credit.”

“We come to the cemetery and whitewash the grave. It’s a way of showing we haven’t forgotten.”

*

“Here in the vegetable garden there’s everything we need: oranges, coriander, radishes, turnips, lettuce, water-cress, pomegranates, persimmons, apples, mint, olives, pods, tomatoes, peppers, aubergines, parsley, onion, cabbages, beans, melons, spinach, broad beans, medlars... and also palm-trees and two rose-bushes. The lady owner of the garden always said they are a family legacy and she never wanted them removed... but now, with the dam, everything will be wiped out!”

“Yesterday, at the procession, I suddenly felt very sad for knowing I will never again see these fields, the places I used to ride my bike when I was a little girl...”

in Aldeia da Luz, exhibition catalogue, Lisboa, 2002, pp. 13-20